

A BUSCA DO IMPOSSÍVEL.
DO CONTO “UMA MULHER SOLITÁRIA”, DE ZAKARIYYA TAMIR

Júlia C. Rodrigues*

RESUMO: Quando a tarefa é transpor para a língua de chegada uma cultura que ainda é considerada exótica e distante, o tradutor precisa tomar algumas decisões que parecem simples a princípio, mas não o são. Pensando nisso, o presente artigo pretende levantar a discutir alguns pontos relevantes no processo de tradução do conto “Uma Mulher Solitária”, do sírio Zakariyya Tāmir.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Língua Árabe, Tarjama, Literatura contemporânea.

ABSTRACT: When the task is to transpose into a target language a culture that is still considered exotic and distant, the translator needs to make some decisions that might seem simple at first, but that are not really that simple. With this in mind, this article aims to raise as discuss some relevant points in the process of translating the tale “A Lonely Woman” by Syrian Zakariyya Tāmir.

KEYWORDS: Translation, Arabic Language, Tarjama, Contemporary literature.

Nascido em 2 de janeiro de 1931, o escritor sírio Zakariyya Tāmir é um dos contistas mais lidos e traduzidos do mundo árabe na atualidade. Seus primeiros contos foram publicados em 1957 e desde então já publicou coletâneas de contos, colunas satíricas e diversos livros infantis.

Em suas histórias Tāmir aborda geralmente diversos níveis de opressão, exploração e sofrimento humano, seja o derivado de problemas materiais como espirituais. Nessas histórias figuram personagens que enfatizam a “desumanidade” nas relações interpessoais. Assim, na primeira das cinco coleções de contos que publicou, o autor enfatiza as mazelas materiais da parte mais pobre da população tratando de “seus sonhos com um outro tipo de existência e suas buscas por vida, paixão e prazer em meio às duras condições de seu presente” (BADAWI, p. 323). Já em sua terceira coleção, foca-se predominantemente nos problemas humanos de nível espiritual, retratando um mundo de brutalidade e absurdo em que a busca por justiça e liberdade acaba levando o indivíduo em direção à sua destruição.

Tāmir é reconhecido por sua linguagem lírica, densa e imagética, na qual abundam alegorias, metáforas e ironias. Além disso explora bastante o fluxo de consciência que “turva os limites entre o racional e o irracional” e contribui para a construção de um mundo onde a fantasia “não é o oposto da realidade, mas sim a mais exata representação dela” (p. 322). Tais traços estão presentes em “Uma mulher solitária”, que integra o livro “Damasco queimando” (*dimašq alḥarā’iq*), de 1973, constitui um bom exemplo do estilo do autor e que traz um tema bastante abordado por ele: o sexo, no

* Mestre em Letras pelo PPG Estudos Judaicos e Árabes, USP. Membro do grupo “Tarjama: escola de tradutores de literatura árabe moderna”.

presente caso em um contexto de desvio, o que na obra de Tāmir representa a perda da inocência (KITANI, p. 12).

Sobre a tradução

Quando se trabalha com traduzir uma cultura que já traz consigo uma forte carga de exotismo e distanciamento, como ainda é o caso entre nós da cultura árabe, é preciso ter o cuidado de respeitar o que há de particular nela, criando um texto que permita que transpareçam essas particularidades, mas sem “pesar a mão” e correr o risco de tornar exótica ainda mais a cultura de partida e provocar um distanciamento entre ela e a cultura de chegada, efeito diametralmente oposto ao que desejamos ao traduzir. Assim, ao iniciarmos a tradução, adotamos como norte a manutenção de alguns recursos linguísticos próprios do árabe, que aproximam o leitor de português ao modo de falar, e também pensar, dessa língua estrangeira, mas sem abrir mão de um texto fluido na língua de chegada.

Uma das dificuldades com as quais o tradutor de árabe recorrentemente se depara é a tradução de verbos, seja para adequar os tempos verbais ao português ou outra língua, que nem sempre podem seguir os do texto original, seja pela dificuldade de traduzir a concisão de alguns verbos, algo que nos obriga a desdobrá-los em várias palavras, o que tende a dificultar a aproximação da tradução ao estilo do original. Com relação à adequação dos tempos verbais, observe-se a seguinte frase do conto:

ويقول الشيخ سعيد: "أذن تريد أن يرجع إليك زوجك؟"

Disse o xeique Said: “Então quer que seu marido volte para você?”

يقول (*yaqūl*) é a forma do tempo presente do verbo “falar”, mas na tradução optou-se pela forma verbal do passado “disse”. Em compensação, o verbo foi mantido na posição inicial da frase, ainda que o mais natural em português seja “o xeique Said disse” uma vez que, de modo geral, a tradução tentou deixar transparecer o que fosse possível do estilo do original.

Outra questão é o próprio título امرأة وحيدة (*imra’ a waḥīda*), “uma mulher sozinha”. A carga semântica da palavra وحيدة (*waḥīda*) “sozinha” em árabe está ligada ao numeral *’ahad* “um”, mas dentre as opções que levantamos, como “uma mulher sozinha” e “uma mulher solitária”, nenhuma mantinha essa relação com o número. Assim, optou-se por “uma mulher solitária” que aponta para o estado emocional de Aziza que é, afinal, o que leva toda a trama a se desenrolar.

Outras questões particulares foram levantadas ao longo da tradução:

عزيزة صبية جميلة، تخاف القطط السوداء، ولقد كانت مضطربة لحظة قعدت قبالة الشيخ سعيد.

(a) Aziza é uma moça bonita que tem medo de gatos pretos. Estava agitada no momento em que se sentou diante do xeique Said.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

هزّ الشيخ سعيد رأسه عدة مرات وقال: "لا بد إن أهل زوجك قد سحروك".

(b) Então o **xeique Said** balançou a cabeça várias vezes e disse: "Não há dúvida de que a família de seu marido a enfeitiçou".

إخوتي الجان يكرهون النور ويحبون العتمة لأن بيوتهم تحت الأرض.

(c) **Meus irmãos os gênios** detestam a luz e adoram a escuridão, pois sua morada fica debaixo da terra.

إخوتي الجان لطاف. ستنكبن محظوظة إذا نلت حبيهم. إنهم يحبون النساء الجميلات.

(d) **Os meus irmãos os gênios** são generosos, terá sorte se conquistar o amor deles, pois amam as mulheres bonitas.

Nos trechos acima a recorrência da expressão "o xeique Said" foi mantida, ainda que fosse dispensável algumas vezes, com o intuito de respeitar o estilo do original no qual a retomada dessa figura se dá explicitamente a todo o tempo. Além disso, buscando a formulação da expressão em português, uma vez que tentamos ficar próximos do original, foi mantido o artigo definido em todas as ocorrências do nome próprio, mesmo que para a norma-padrão do português escrito o mais natural fosse apenas "xeique Said". Do mesmo modo mantivemos todas as referências aos "gênios" da maneira como elas aparecem, mesmo que algumas delas pudessem ter sido trocadas por "eles" apenas.

الشمس نار تقترب وتتسلل إلى الدم ولا تحاول النروة، وعندئذ هطل المطر، وارتعد جسدها كله.

(e) O sol era um fogo que se aproximava e penetrava no sangue **sem buscar** o auge. E então veio a chuva, que fez o corpo dela tremer por inteiro.

Algumas peculiaridades da tradução desse conto se devem à linguagem metafórica e bastante imagética empregada pelo autor. É o caso da frase acima em que o sol representa o calor da excitação sexual de Aziza e a chuva corresponde ao clímax. Nesse sentido tivemos de decidir pelo verbo mais adequado para reproduzir a expressão verbal لا تحاول, literalmente "sem tentar". Algumas das opções levantadas foram "o sol era um fogo que se aproximava evitando o auge" ou "o sol era um fogo que se aproximava esquivando-se do auge". Todavia, a expressão original aponta para uma falta de esforço de alcançar o auge e não um esforço ativo para evitá-lo, algo que está presente nos verbos "evitar" e "esquivar-se". Como nenhuma dessas opções nos permitiria manter a negação (لا) presente no original, optamos por "sem buscar o auge".

فتترقرقت الدموع في عينيها بينما تعالى في تلك اللحظة في الزقاق صياح بائع متجول، وتناهى إلى سمعها بكاء رجل يانس لن يموت.

(f) Lágrimas inundaram seus olhos quando da viela ergueu-se o grito de um vendedor ambulante; chegava-lhe aos ouvidos **o choro de um homem desesperado que não morria**.

Nesse caso, a ambiguidade do original *لن يموت* (*lan yamūt*) refere-se a “homem” ou a “choro”? Em português, é possível desfazer a ambiguidade usando-se palavras como “interminável” ou expressões como “sem fim” que apontariam para um “choro que não parava”. Entretanto, como não é possível desfazer essa ambiguidade no original, seja por meio da linguagem ou por meio do contexto, optou-se por uma tradução quase literal com “não morria”, ou seja, pode-se tratar de um homem ou de um choro que não morria. Já quanto ao tempo verbal, que no original é o futuro (*لن*), optou-se pelo pretérito imperfeito por não desfazer a ambiguidade, uma vez que a utilização do futuro “morrerá” poderia levar o leitor a associar o verbo mais rapidamente como ação do “homem” e não do choro.

Uma mulher solitária

Aziza é uma moça bonita que tem medo de gatos pretos. Estava agitada no momento em que se sentou diante do xeique¹ Said, cujos olhos eram dois fragmentos de um negro selvagem que a cercavam. Aziza tentava se livrar do medo que se intensificava pouco a pouco, enquanto o odor do incenso que subia do incensário de cobre lhe penetrava as narinas e lhe entorpecia lentamente a carne.

Disse o xeique Said: “Então quer que seu marido volte para você?”

Aziza respondeu hesitante: “Quero que ele volte para mim”.

O xeique Said sorriu enquanto ela acrescentava deprimida: “A família dele quer que ele se case de novo”.

Disse o xeique Said enquanto jogava lascas de incenso no incensário: “Seu marido voltará para você, não se casará novamente”.

Sua voz firme e calma tranquilizou Aziza, que deixou escapar um longo suspiro de alívio. O rosto do xeique iluminou-se, e ele disse: “Mas meu trabalho exige muito dinheiro”. O semblante de Aziza entristeceu-se e ela disse, fitando o bracelete de ouro que levava ao punho: “Pagarei o que o senhor quiser”.

O xeique soltou uma risada curta e aguda, depois disse: “Você perderá um pouco, mas conquistará seu marido. Você o ama?”

Aziza murmurou rancorosa: “Não o amo”.

– Vocês se desentenderam?

– Briguei com a família dele.

– Sente um aperto no peito?

– Às vezes sinto como se tivesse uma pedra pesada em meu peito.

– Tem sonhos perturbadores durante a noite?

– Sempre acordo no meio da noite apavorada.

¹Trata-se de uma forma de tratamento respeitoso empregado a alguém que exerça certo tipo de autoridade, seja por causa da idade avançada ou porque é um líder regional ou religioso.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Então o xeique Said balançou a cabeça várias vezes e disse: “Não há dúvida de que a família de seu marido a enfeitiçou”.

Aziza espantou-se e gritou: “Que posso fazer?”

– Para desfazer o feitiço será necessário um incenso de dez liras.

Aziza calou-se por um instante, depois levou a mão ao peito retirando dele dez liras. Entregou-as ao xeique Said, dizendo: “Isto é tudo o que tenho”.

O xeique Said se levantou e fechou as densas cortinas das duas janelas que davam para um beco estreito e sinuoso. Depois, voltou a se sentar em frente ao incensário de cobre no qual brasas ardiam sobre as cinzas brancas e finas. Então começou a espalhar o incenso, dizendo:

– Meus irmãos os gênios detestam a luz e adoram a escuridão, pois sua morada fica debaixo da terra.

Fora do quarto o dia era uma mulher de pele branca, as luzes amarelas do sol irradiavam sobre os caminhos e se incorporavam ao ruído das pessoas, enquanto o quarto do xeique Said era escuro e silencioso.

– Os meus irmãos os gênios são generosos, terá sorte se conquistar o amor deles, pois amam as mulheres bonitas. Tire o véu.

Aziza despiu-se de seu véu preto e revelou-se aos olhos do xeique Said um corpo maduro numa roupa justa. Ele começou a ler em voz grave de um livro de folhas amareladas, num tom obscuro. Depois de um momento, disse: “Aproxime-se. Deite-se aqui.”

Aziza se aproximou do incensário e então o xeique Said colocou a mão em sua testa enquanto continuava a recitar palavras de estranho som. Depois, disse a Aziza: “Feche os olhos. Meus irmãos os gênios vão aparecer”.

Aziza fechou os olhos. A voz do xeique Said se elevou áspera e imperativa: “Esqueça-se de tudo”.

A mão do xeique tocou seu rosto delicado e ela se lembrou do pai. A mão do xeique era áspera e tinha um cheiro estranho; era uma mão grande e decerto repleta de rugas. Sua voz estranha se elevava aos poucos no quarto silencioso de paredes de barro.

A mão do xeique alcançou o pescoço de Aziza. Ela se lembrou da mão do marido, de sua mão delicada e macia como a de uma mulher. Ele trabalhava como contador na quitanda do pai. Nunca tentara acariciar seu pescoço com ternura, apenas apertava com dedos vorazes a carne de suas coxas. O xeique tocava-a com ambas as mãos. As mãos sobre seu peito acariciaram os seios maduros com suavidade; buscaram o resto do corpo, retornando aos seios em seguida, já sem gentileza, apertando-os com voracidade. Aziza gemeu, abriu os olhos com dificuldade e viu uma leve fumaça espalhando-se pelo vazio do quarto.

O xeique afastou as mãos de Aziza retomando a leitura e espalhando pelo quarto a fumaça que vinha do incensário, garantiu: “Meus irmãos gênios virão, eles virão”.

Um calafrio intenso se espalhou pelo corpo de Aziza; ela fechou os olhos e ouviu o xeique dizendo, com uma voz que parecia vinda do fim do mundo: “Meus irmãos gênios

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

amam moças bonitas, você é bonita, eles irão amá-la. Quero que a vejam nua quando chegarem, eles afastarão de você qualquer feitiço.”

Aziza sussurrou assustada: “Não, não.”

Então, veio-lhe imediatamente a voz do xeique como um eco firme: “Vão lhe fazer mal se não gostarem de você.”

Aziza se lembrou de um homem que vira na rua certa vez. Gritava como um animal ferido, depois caíra no chão; uma espuma branca lhe escorria da boca, mexia os braços e as pernas como se estivesse se afogando.

“Não, não.”

“Eles estão vindo.”

A fumaça ficou mais espessa. A respiração de Aziza se tornou audível e o xeique Said gritou subitamente: “Venham, venham, ó abençoados, venham!”

Aziza ouviu um riso baixo e alegre, e palavras incompreensíveis. Sentiu que o quarto se enchia de criaturas pequenas que chegavam em grande número. Não conseguia abrir os olhos, apesar de repetidas tentativas. Então, hálitos quentes queimaram seu rosto e uma única boca pressionou seu lábio inferior com avidez.

O tapete era áspero debaixo de suas costas nuas, a fumaça do incenso se amontoava e transformava-se em um homem que a tomava nos braços e a entorpecia com seus beijos. Um fogo faminto se alastrava em seu sangue, enquanto a boca dele deixava seus lábios e buscava o resto de seu corpo. Aziza ofegava e não se movia. O medo desaparecera e ela saboreava lentamente aquele novo gosto.

Ah, ela sorriu. Riu. Olhou para as estrelas brancas, o céu azul escuro, as planícies amarelas e o sol de fogo vermelho. Aziza ouviu o burburinho de um rio ao longe. O Rio. Corria ao longe, mas não continuaria distante. Ela riu com alegria. A tristeza era uma criança que corria para longe dela. Ela agora era uma criança crescida. O filho do vizinho a beijou e abraçou. Não, não, isso é uma vergonha. Quando um ajudante do padeiro levou para ela alguns pães – ela estava de pé na frente de casa – ele beliscou o mamilo de seu pequeno seio. Sentiu dor, enfureceu-se e depois ficou encabulada. Onde estão as mãos dele? Ah, aí estão, possuindo seu corpo novamente. E na noite de núpcias, deixou escapar um grito, mas agora não gritava. Viu sua mãe pendurar o lençol manchado de sangue que seus parentes inspecionavam com curiosidade. Sua mãe gritava, o rosto revelando imensa felicidade: “Minha filha é a mais honrada de todas. Que os inimigos morram de raiva.”

Aziza voltou aos campos amarelos, campos sem água. As nuvens estavam no alto. O sol era um fogo que se aproximava de Aziza. Ela se contorcia e se atirava extasiada, um calor severo a queimava. O sol era um fogo que se aproximava e penetrava no sangue sem buscar o auge. E então veio a chuva, que fez o corpo dela tremer por inteiro.

Em seguida, o xeique Said se afastou do corpo nu de Aziza. Foi em direção às duas janelas e abriu as cortinas. A luz do sol inundou o quarto imediatamente. A pele branca da moça reluziu imersa na luz brilhante.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Aziza se moveu. Abriu os olhos com calma e cuidado; foi surpreendida pela luz do sol e levantou-se apavorada. Então o xeique lhe disse: "Não tenha medo, os meus irmãos gênios já partiram."

Aziza curvou-se exausta. Estava cansada e envergonhada. Apanhou uma de suas peças de roupa e desejou ficar por um longo tempo deitada sem se mover, com os olhos fechados.

O xeique Said esfregou a boca com as costas da mão e repetiu: "Não tenha medo, eles partiram." Lágrimas inundaram seus olhos quando da viela ergueu-se o grito de um vendedor ambulante; chegava-lhe aos ouvidos o choro de um homem desesperado que não morria.

Minutos depois, Aziza andava sozinha no beco longo, estreito e sinuoso. Voltou os olhos para cima ansiosa, mas não viu nenhum pássaro passar, só encontrou o céu azul e límpido.

إمرأة وحيدة

عزيزة صبية جميلة، تاخاف القطط السوداء، ولقد كانت مضطربة لحظة قعدت قبالة الشيخ سعيد، وكانت عيناه قطعتين من السواد المتوحش، تحاصران عزيزة التي كانت تحاول الإفلات من هلع ينمو ويتزايد رويدا رويدا بينما رائحة البخور المتصاعدة من وعاء نحاسي تفعم أنفها وتخدر لحمها يببط.

ويقول الشيخ سعيد: "اذن تريدين أن يرجع إليك زوجك؟".

أجابت عزيزة بتردد: "أريد أن يرجع إلي".

فابتسم الشيخ سعيد بينما أردفت قائلة باكتئاب: "أهله يريدون تزويجه مرة ثانية".

قال الشيخ سعيد وهو يرمي في وعاء الجمر نتقاً من البخور: "سيعود إليك زوجك، ولن يتزوج مرة ثانية".

وكان صوته وقورا هادنا منح عزيزة الطمانينة، فندت عنها أهة إرتياح طويلة، ابتهج لها وجه الشيخ وقال: "ولكن عملي يتطلب مالا كثيرا". فاكتاب وجه عزيزة، وقالت وهي ترمق سوارا ذهبيا في معصمها: "سأدفع لك ما تريد".

ضحك الشيخ ضحكة قصيرة حادة ثم قال: "ستخسرين قليلا ولكنك ستريحين زوجك. أتحيينه؟" غمغمت عزيزة بسخط: "لا أحبه".

– "اختلفت معه؟"

– "تشاجرت مع أهله".

– "هل تشعرين بضيق في صدرك؟"

– "اشعر أحيانا كأن حجرا ثقيلا على صدري".

– "أتشاهدين أحلاما مزعجة أثناء نومك؟"

– "أستيقظ دائما في الليل وأنا مرعوبة".

فهزّ الشيخ سعيد رأسه عدة مرات وقال: "لا بد إن أهل زوجك قد سحروك".

ارتاعت عزيزة وهتفت: "ما العمل؟!".

"- فسح سحرهم يحتاج إلى بخور ثمنه عشر ليرات".

فوجمت عزيزة لحظة ثم مدت يدها إلى صدرها، وأخرجت منه عشر ليرات، وأعطتها للشيخ سعيد قائلة: "هذا كل ما

أملك".

فتهض الشيخ سعيد، واسدل ستائر قاتمة على النافذتين المطلتين على الزقاق الضيق المتعرج، ثم عاد إلى القعود أمام الوعاء النحاسي الذي تنتقد فيه الجمرات فوق رماد أبيض ناعم، فأخذ يلقي البخور وهو يقول:

"إخوتي الجان يكرهون النور ويحبون العتمة لأن بيوتهم تحت الأرض".

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

وكان النهار خارج الغرفة امرأة لحمها أبيض، والشمس ينوهج ضياؤها الأصغر في الطرقات ويمتزج بصخب الناس غير أن غوفة الشيخ سعيد كانت مظلم ساكنة.

– "إخوتي الجان لطاف. سنكنين محظوظة إذا نلت حبهم. إنهم يحيون النساء الجميلات. انزعي ملاءتك".
وتخلت عزيزة عن ملاءتها السوداء. فبدأ لعيني الشيخ سعيد جسدها الناضج في ثوب ضيق، وابتدا يقرأ في كتاب أصفر الأوراق بصوت خفيض غامض النبرة، ثم قال بعد حين: "اقتربي. تمددي هنا".

واضطجعت عزيزة بالقرب من وعاء البخور. فوضع الشيخ سعيد يده على جبهتها وهو مستمر في تلاوة كلمات غريبة الزنين وبغثة قال لعزيزة: "أغمضي عينيك. سيحضر إخوتي الجان".

أطبقت عزيزة عينيها. وصعد صوت الشيخ خشناً أمراً: "انسي كل شيء".
يد الشيخ تلمس وجهها الناعم. تذكر أبها. يد الشيخ خشنة، ورائحتها غريبة، يد كبيرة، ولا بد من أنها كثيرة التاجعيد، وصوته غريب يعلو شيئاً فشيئاً في الغرفة الصامتة ذات الجدران الترابية.

وتبلغ يد الشيخ عنق عزيزة. تذكرت عزيزة يد زوجها. يده ناعمة طرية كيد المرأة. وهو يعمل كاتباً في دكان البقالة التي تملكها واند. ولم يحاول في أي مرة أن يداعب عنقها برفقة وتنحدران إلى بقية الجسد ثم تعودان إلى النهدين وقد فقدتا رفقهما فضغظتا عليهما بضراوة، فتأوهت عزيزة، وفتحت عينيها بصعوبة لتشاهد دخاناً خفيفاً منتشرًا عبر فراغ الغرفة.

وأبعد الشيخ سعيد يديه عن عزيزة، ومضى يقرأ ويرمي البخور فوق الجمر المتقد في جسد عزيزة قشعريرة حادة، وأغمضت عينيها، وسمعت الشيخ سعيد يقول بصوت تنهائي إليها كأنها أت من آخر العالم: "إخوتي الجان يحيون النساء الجميلات. أنت جميلة وسيحبونك. أريد أن يروك عارية عندما يقبلون، وسيعدون عنك كل سحر".

همست عزيزة بذعر "لا لا".

فجاءها توا صوت الشيخ كصدى صارم: "سيؤذذك إذا لم يحيوك".

وتذكرت عزيزة رجلاً أبصرته في الشارع، وكان يصرخ كحيوان جريح ثم ارتدى على الأرض والزبد الأبيض على فمه وأخذ يحرك ذراعيه وساقيه كغريق.

– "لا لا لا".

– "سيأتون".

وازدادت رائحة البخور وتكاثفت، وراحت عزيزة تنفَس بصوت مسموع. وهتف الشيخ سعيد فجأة: "تعالوا يا مباركين تعالوا".

وسمعت عزيزة ضحكات خافتة مرحة وكلمات غير مفهومة، وأحست أن الغرفة اكتظت بمخلوقات قرمة كثيرة العدد لم تتمكن من فتح عينيها على الرغم من محاولاتها المتكررة، ولفحت وجهها أنفاس حارة، وأطبق فم واحد على شفتها السفلي واعتصرها بنهم.

وكانت السجادة خشنة تحت ظهرها العاري، وكان البخور يتجمع ويتحول إلى رخل يحتضنها بين ساعديه ويخدرها بقبلاته. وشبت نار جائعة في دمها بينما كان الفم يترك شفتها وينتقل إلى بقية الجسد عزيزة تلهث ولا تتحرك. خوفها يضمنل. وتتدوق على مهل نشوة ذات طعم جديد.

أوه تبتسم. تضحك. أبصرت نجومًا بيضاء و سماء زرقاء قاتمة وسهولاً صفراء وشمساً من نار حمراء. وتسمع عزيزة خريير نهر بعيد. النهر. إنه ناء. لن يظل نائياً. تضحك مسرح. الحزن طفل يركض مبتعداً عنها. إنها الآن طفلة كبيرة. قبلها ابن الجيران وعانقها. لا لا. هذا عيب – وعندما كان أجبر الخباز يناولها أرغفة الخبز وهي واقفة على باب البيت، مد يده وقرص حلمة نهدها الصغير تألت. غضبت. ارتبكت. أين يده؟ ها هي يده تمتلك جسدها ثانية. وفي ليلة العرس أطلقت صرخة، والألن لا تصرخ. أبصرت أمها تمسك منديلاً مبتلاً بالدم يتفرج عليه أقاربها بفضول، وتصيح أمها ووجهها يبوح بفرح طاغ: "بنتي من أشرف البنات. ليمت الأداء غيظاً".

وتعود عزيزة إلى حقول صفراء. حقول بلا ماء. الغيوم في الأعلى. الشمس نار تدنو من عزيزة. تتلوى عزيزة وتتهالك منتشية تحرقها حرارة قاسية. الشمس نار تقترب وتتسلل إلى الدم ولا تحاول الذروة، وعندئذ هطل المطر، وارتعد جسدها كله.

وابتعد الشيخ سعيد بعد قليل عن جسد عزيزة العاري، واتجه نحو النافذتين وأزاح عنهما الستائر، فتدفقت في الحال شمس النهار إلى الغرفة، وتألقت لحم عزيزة الأبيض مغموراً بالضوء الساطع.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

وتملمت عزيزة، وفتحت عينيها بتودة وحذر، ففوجئت بضياء الشمس، ونهضت مذعورة، فقال لها الشيخ سعيد: "لا تخافي، إخوتي الجان رحلوا".
واتحنت عزيزة بإعياء، وكانت متعبة، وخجلة، والتقطت أول قطعة من ثيابها، وتمنت لو ظلت أمداً طويلاً مستلقية دون حراك مغمضة العينين.
ومسح الشيخ سعيد فمه بظهر يده، وقال لها ثانية: "لا تخافي. رحلوا".
فترقرقت الدموع في عينيها بينما تعالي في تلك اللحظة في الزقاق صياح بائع متجول، وتناهى إلى سمعها بكاء رجل يائس لن يموت.
وحين رفعت وجهها إلى أعلى متطلعة بلهفة، لم تعثر على أي طائر عابر إنما كانت السماء زرقاء خاوية.

Referências bibliográficas

KITTANI, Y. *The Changing Content in the Short Stories of Zakariyya Tāmir*, www.qsm.ac.il/.../docs/.../eng-3-yaseen%20kittany.pdf (acesso em 31/07/2020).
BADAWI, M.M. (ed.) *Modern Arabic Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

Recebido em: 10/09/2019

Aceito em: 31/10/2019

Referência eletrônica: RODRIGUES, Júlia Cardoso. A busca do impossível. Do conto "Uma Mulher Solitária", de Zakariyya Tamir. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. Aaaa